

Fenômenos discursivos na atividade enunciativa-discursiva de três sujeitos parkinsonianos

(Discourse phenomena in the enunciative discursive activity of three subjects with Parkinson's disease)

Maira Camillo

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

mairacamillo09@gmail.com

Abstract: The proposal was to investigate to what extent the moments of significant breaks in the mooring, as shown by hesitations, become closer or more spaced-out in the discursive activity of three parkinsonian subjects. The objectives were to investigate: frequency of breaks in the mooring of signifiers; the relationships between the elements of the set and hesitations; motor interference of the disease in quantitative and qualitative results. We analyzed transcripts of a chat session with the subjects and found functionings of control and non-control of the swaying. As for the results, we observed that the neurological subjects performed similarly as far as the frequencies of occurrences of non-control and control of the senses are concerned. However, the subjects differed in the way they established discursive relationships in speech ruptures.

Keywords: hesitation; enunciation; discourse; Parkinson's disease.

Resumo: A proposta foi investigar em que medida se aproximam e/ou se distanciam os momentos de quebras na amarração dos significantes, mostrados por hesitações, na atividade discursiva de três sujeitos parkinsonianos. Os objetivos foram investigar: frequência das rupturas na amarração dos significantes; as relações entre os elementos dos enunciados e as hesitações; e interferências motoras da doença nos resultados quantitativos e qualitativos. Analisamos transcrições de sessões de conversação dos sujeitos e encontramos funcionamentos de controle e não controle da deriva. Como resultados, observamos que os sujeitos neurológicos aproximaram-se quanto às frequências das ocorrências de controle e não controle dos sentidos. Contudo, os sujeitos distanciaram-se na maneira como estabeleceram relações discursivas nas rupturas do dizer.

Palavras-chave: Hesitação; enunciação; discurso; doença de Parkinson.

Introdução

Neste trabalho, um recorte da minha dissertação sob orientação do professor Lourenço Chacon, investigamos em que medida as hesitações, nos momentos de ruptura na amarração dos significantes, se aproximam e/ou se distanciam na produção discursiva de três sujeitos acometidos pela doença de Parkinson. Para tanto, primeiramente, exporemos parte dos conceitos linguístico-discursivos que embasaram nossa pesquisa, a qual está em fase inicial do curso do Doutorado em Neurolinguística (1º semestre).

Para a explicação do termo “ruptura” na *amarração dos significantes*, foco de nosso estudo, nos apoiamos em alguns autores para fundamentação desse conceito. Inicialmente, nos baseamos em Saussure (1916), o qual concebe a língua como um sistema de formas homogêneas, uma organização de elementos da mesma natureza (os signos), um produto social que pode ser expresso de maneira individual, com propósitos comunicativos, por meio da fala. O autor defende a ideia de que tudo na língua se baseia em relações e é

nessas relações que este estudo se fundamenta. O autor considera dois tipos de relações coocorrentes no processo de estruturação da linguagem: (a) relações sintagmáticas; e (b) relações associativas. Em (a), as relações entre os signos decorrem do fato de que todo elemento da língua está em relação com outros, formando cadeias de enunciados, falados ou escritos. Essas cadeias, de acordo com Saussure, não diriam respeito apenas às palavras, “mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)” (SAUSSURE, 1975, p. 145), enquanto que em (b) as relações acontecem na forma de “grupos formados por associação mental” (SAUSSURE, 1975, p. 145), em que as palavras que apresentam algo em comum se associam na memória.

A partir dessa reflexão, caracterizamos como amarração dos significantes os momentos em que essas relações sintagmáticas e associativas ocorreram sem marcar rupturas na linearidade do fio discursivo e, na situação oposta, como quebra na amarração dos significantes, os momentos em que essas relações mostraram-se de maneira mais conflituosa pelo sujeito, com a presença de rompimentos na cadeia, indiciados pelas hesitações.

Se, por um lado, questões relativas ao funcionamento da língua são essenciais para a análise de fenômenos que envolvem as hesitações nas rupturas de amarração dos significantes, por outro, não são suficientes para dar conta daqueles fenômenos que concorrem ou que estão além das marcas de ruptura na materialidade discursiva. Nesse sentido, buscamos, em conceitos da análise do discurso, argumentos que possam nos orientar na compreensão desses fenômenos.

Localizamos nas obras de Pêcheux e de Authier-Revuz material teórico para a definição de outro conceito importante neste trabalho – o de deriva. Segundo Pêcheux (1990, p. 53), “toda sequência de enunciados é linguisticamente descritível como uma série (léxico-semanticamente determinada) de pontos de deriva possíveis”. Para Authier-Revuz (1990, p. 29), esses pontos seriam aqueles “através dos quais se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva” e nos quais se inscrevem os outros, cuja alteridade nem sempre está explícita nessa cadeia. Entendemos como outros discursivos não só os discursos socialmente sustentados que constituem os indivíduos, mas também argumentamos a favor de que a própria estrutura da língua, em seus diversos subsistemas, revela a presença de outros diálogos.

Metodologia

Em nosso estudo, será analisada a atividade enunciativo-discursiva de três sujeitos com doença de Parkinson (DP). Os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) tempos distintos do diagnóstico da doença; e (b) faixas etárias distantes, por no mínimo 10 anos entre os sujeitos; a saber, em nosso estudo, idades de 42 anos (SP3), 59 anos (SP1) e 74 (SP2) anos. A escolha desses critérios fundou-se na ideia de que as vivências e relações do sujeito com o mundo poderiam variar em função do tempo de vida que os distancia, enriquecendo nossa análise discursiva. Além das questões sócio-históricas que constituem os sujeitos, o tempo distinto do diagnóstico da DP entre os participantes desse grupo poderia acarretar diferenças significativas nos dados explorados. A seguir, será realizada a descrição dos sujeitos que participaram das sessões de gravação:

- SP1: sexo masculino; 59 anos de idade; mestre de obras; mineiro; concluiu a 1ª

série do ensino médio;

- SP2: sexo feminino; 75 anos de idade; dona de casa; mineira; concluiu a 3ª série do ensino fundamental;
- SP3: sexo feminino; 39 anos de idade; advogada; ensino superior e pós graduação incompleta

Como *corpus* de análise, utilizamos parte de um material coletado por Nascimento (2005), que consiste de sessões de conversação gravadas nas residências de três sujeitos parkinsonianos (um do gênero masculino – SP1– e dois do gênero feminino – SP2 e SP3) com a interlocutora J. N. Essas gravações foram transcritas de acordo com as normas de transcrição de Pretti e Urbano (1998) e as marcas hesitativas indiciadoras dos momentos de ruptura da amarração dos significantes foram baseadas na classificação de Marcuschi (1999).

Objetivos

Objetivamos, de uma maneira geral, encontrar nesse banco de dados: em que medida, dadas as características do fenômeno hesitativo que vimos referindo, as atividades enunciativo-discursiva dos sujeitos com a mesma patologia se aproximam (se assemelham, revelam pontos comuns) ou se distanciam (se diferenciam, se mostram singulares).

Para atingir tal objetivo, a pesquisa norteou-se em etapas com três objetivos mais específicos, a saber: (i) investigar a frequência de rupturas na amarração dos significantes ocorrentes; (ii) avaliar de que modos, no discurso dos sujeitos, se estabelecem relações entre os elementos de seus enunciados e os indiciadores de rupturas do dizer; e (iii) analisar em que medida as limitações de natureza cognitiva ou motora impostas pela DP interferem numa possível diferença quantitativa e qualitativa nos momentos de ruptura da amarração dos significantes em sujeitos com condições de saúde iguais.

Sobre a doença de Parkinson e as hesitações

A etiologia da DP ainda permanece desconhecida e, assim, vários fatores têm sido propostos como de risco para a incidência da doença. Entre eles, destacam-se: idade; histórico familiar da doença; sexo masculino; repetidos traumas cranianos; uso exagerado e contínuo de medicamentos; ambiente tóxico; e isquemia cerebral.

Para o diagnóstico, o médico especialista baseia-se na história clínica e no exame físico, em que é preciso identificar dois dos três principais sintomas motores: (1) bradicinesia (movimentos lentificados); (2) tremor em repouso; e (3) rigidez. Outros sintomas também são tidos como característicos: instabilidade postural; perda da expressão facial; baixa intensidade vocal; ansiedade; alterações do sono; depressão; e micrografia.

Atualmente, essas alterações mentais ou cognitivas são entendidas como modificações na memória, na atenção e na fala dos sujeitos acometidos pela doença. Esses sintomas podem ser detectados, para a literatura biomédica, a partir da execução de testes para mensuração do grau da perda da doença, como em tarefas de memória verbal, nomeação, sequenciamento, compreensão, raciocínio e função visuoespacial.

Com relação às manifestações na fala dos sujeitos acometidos pela doença – fato que particularmente nos interessa neste estudo, já que utilizaremos sessões de conversação como material de análise –, a literatura biomédica faz uso do termo bradifrenia para designar “alentecimento dos processos de pensamento ou um aumento no tempo normal de processamento da informação que acompanha o alentecimento motor na doença de Parkinson idiopática” (STARKSTEIN; MERELLO, 2002, p. 102). Esse alentecimento motor na DP, para esses mesmos autores, se dá também na produção da fala dos parkinsonianos, que, como sugerem, pode ser causado pela deficiência dopaminérgica e por uma desconexão com o lobo frontal, provocando alterações na execução de tarefas que requerem a geração de palavras dentro de uma mesma categoria semântica.

Além dessa lentidão no planejamento e na execução da fala, entendidas como funções frontais, outras características da doença são destacadas por Fenton, Schley e Niimi (1982): (a) redução do volume da voz; (b) perda da capacidade de inflexão da voz; e (c) distúrbios do ritmo – que podem consistir em episódios de hesitação inicial e cadência lenta, pontuada por pausas caracterizadas como inadequadas, hesitações ou acelerações involuntárias, levando, ainda, ao que os autores chamam de embaralhamento dos sons.

Como se pode depreender do que expusemos até o momento, a visão das ciências médicas centra-se, em grande parte, nos aspectos orgânicos da fala, já que aponta como causa para as dificuldades de planejamento e produção da fala na DP a deficiência motora ou cerebral. Portanto, as chamadas anormalidades na fala e na voz, em aspectos que esses autores entendem como articulatorios e prosódicos (destacando-se características como velocidade da fala, frequência e intensidade vocais), são vistas exclusivamente como efeito de problemas orgânico-fisiológicos.

Foi justamente a percepção dessa ausência de vínculos entre aspectos acústico-motores e aspectos semântico-pragmáticos da linguagem que levou Zaniboni (2002) a detectar que as maiores dificuldades de enunciação de sujeitos parkinsonianos de sua pesquisa (marcadas por pausas hesitativas) encontravam-se em momentos que exigiam deles maior complexidade discursiva. Já nas situações em que ocorriam enunciados cristalizados, cuja elaboração tende a exigir menos dos sujeitos, a mesma autora notou que a enunciação se desenvolvia com mais fluência. Assim, se essas dificuldades de fala fossem essencialmente motoras, estariam mais uniformemente distribuídas nos enunciados de sujeitos parkinsonianos – fato alertado não só por Zaniboni (2002), mas também por Chacon (2000) e por Witt (2003).

Nos estudos linguístico-discursivos voltados para as questões de linguagem em sujeitos com DP, as hesitações são concebidas como pontos de deriva/ancoragem e como lugar da negociação do sujeito com os outros constitutivos do seu dizer. Essa concepção encontra-se nos trabalhos de Authier-Revuz, de Pêcheux, e de Tfouni (2005; 2008a; 2008b). A contribuição desses autores para a reflexão sobre as hesitações (nos momentos de rupturas da amarração dos significantes) as define como sendo momentos de: (1) a uma dupla determinação do sujeito e do discurso de seu exterior (na medida em que todo discurso seria produto de um interdiscurso) e de seu interior (na medida em que sujeito/discurso sofreriam, também, a determinação do descentramento do sujeito); (2) ao postulado de que, no processo discursivo, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

Em nosso estudo, com o apoio de Authier-Revuz (1990), as hesitações serão vistas como fenômenos do plano que a autora define como da heterogeneidade mostrada, já que indicariam pontos em que na superfície discursiva a negociação do sujeito com os outros constitutivos do (seu) discurso se mostraria problemática. Para essa autora, em sua ilusão necessária de centro do processo discursivo – ou seja, como o eu que enuncia –, o sujeito mostra, no fio do discurso e nos instantes hesitativos de ruptura da amarração dos significantes, diferentes formas pelas quais negocia com a heterogeneidade que o constitui. Trata-se, nesses momentos, do que a autora conceitua como heterogeneidade mostrada. Mostrada, porque remete às diferentes formas pelas quais o(s) outro(s) – que, na ilusão subjetiva, se constrói(em) como exterior(es) ao processo discursivo – irrompe(m) nesse processo, mas cuja irrupção tenta ser controlada pela figura do eu que se apresenta como centro do processo.

Linguisticamente – e aqui seguiremos classificação proposta por Marcuschi (1999; 2004) –, essa negociação problemática iniciada pelas hesitações marca-se por recursos como: pausas silenciosas (+); pausas preenchidas (+++); alongamentos hesitativos (...); cortes bruscos (/); repetições hesitativas (repetição de palavras); gaguejamentos (repetição do fonema); e incoordenações (incoordenação respiratória).

Dessa maneira, a partir de uma concepção discursiva dos momentos hesitativos, selecionamos essas marcas de hesitação nas sessões gravadas por Nascimento (2005), e detectamos os diferentes funcionamentos de controle e não controle da deriva na ruptura da amarração dos significantes nos enunciados dos sujeitos parkinsonianos. Com base na obra dissertativa de Camillo (2011) sob orientação do Professor Doutor Lourenço Chacon, nos baseamos na classificação da autora para os quatro funcionamentos em que ocorreu o controle da deriva, os quais foram:

- a) reformulação com paralelismo explícito: no fio do discurso ocorre o aparecimento da forma tida como inadequada seguida pela forma substituta. Assim, ao iniciarem o controle da deriva por parte do sujeito, as marcas hesitativas possibilitam entrever vestígios de pelo menos dois elementos que se mostraram em conflito para o sujeito no momento da hesitação;
- b) reformulação antecipada: a reformulação se dá antes de ser completada a forma tida como inadequada. Daí tratarmos esse tipo de reformulação como um procedimento de correção antecipada. Essa segunda maneira de contenção da deriva funciona, pois, como um recalque do que é antecipado, pelo sujeito, como erro;
- c) contextualização: o controle da deriva se dá por meio de uma volta do sujeito ao seu dizer em processo semelhante a uma parentetização e, logo na sequência, verifica-se um retorno ao que vinha em curso na cadeia significativa, contendo-se, pois, a dispersão;
- d) retomada: na ruptura da amarração dos significantes no fio discursivo ocorre a contenção da deriva pelo resgate de algum tópico em curso anteriormente na cadeia discursiva.

Como funcionamento de não controle da deriva, Camillo (2011) detectou o funcionamento da reformulação não materializada: em que há a ruptura, no fio discursivo, de uma ordem que se supõe como lógica da frase, ou seja, quando se perde o enlace sintático-semântico

entre os elementos da frase. Na reformulação não materializada é possível suspeitar que a disputa de elementos não pôde ser controlada pelo sujeito e isso provocou uma dispersão da cadeia discursiva.

Resultados

Concluídas as etapas de identificação das marcas hesitativas indicadas nos momentos de ruptura da amarração dos significantes e dos funcionamentos de controle e não controle da deriva para esses momentos, realizamos a contagem da frequência dessas marcas para cada um dos sujeitos (objetivo i) e, após a análise quantitativa dos dados, passamos para uma análise qualitativa acerca do que esses momentos poderiam trazer de respostas quanto aos objetivos ii e iii, com uma investigação enunciativo-discursiva.

Para responder ao primeiro objetivo, contabilizamos percentualmente os momentos de ruptura da amarração dos significantes nos enunciados de SP1, SP2 e SP3, somando, respectivamente: 72%, 72% e 28% de ocorrências. Em relação aos funcionamentos de controle da deriva, encontramos o percentual de 95,5% (SP1), 81,5% (SP2) e 74% (SP3). Quanto ao funcionamento de não controle da deriva, percentualmente na mesma ordem de sujeitos, contabilizamos 4%, 18,5% e 26% de ocorrências de dispersão.

Nos funcionamentos de controle da deriva, SP1 realizou 78,5% de reformulação antecipada; 12% de reformulação com paralelismo explícito; 0,5% de retomadas; e 5% de contextualização. Quanto ao funcionamento de não controle da deriva, a reformulação não materializada, encontramos 4% de ocorrências.

Em SP2, no que diz respeito ao controle da deriva, detectamos 57,5% de reformulação antecipada; 9% de reformulação com paralelismo explícito; nenhuma retomada; e 15% de contextualização. Na reformulação não materializada, este sujeito dispersou discursivamente em 18,5% das ocorrências.

Em SP3, com diagnóstico de DP do tipo juvenil, nos momentos de ruptura da amarração dos significantes e controle da deriva, constatamos 65% de reformulação antecipada; 1% de reformulação com paralelismo explícito; 4% de retomadas; e 4% de contextualização. Nas situações de reformulação não materializada, o sujeito apresentou o maior percentual comparado aos outros, com 26% de ocorrências.

Em uma análise geral de nosso banco de dados, observamos que os sujeitos parkinsonianos mais controlaram a deriva e deixaram a dispersão vigorar em seus enunciados. Para tanto, esses momentos de controle nas instâncias de ruptura da amarração dos significantes variaram entre 74% e 95% na atividade enunciativo-discursiva dos três sujeitos, enquanto que para o não sucesso desse controle, as marcas hesitativas na situação da dispersão discursiva variaram de 4% a 26%.

Dessa maneira, uma problemática em relação à descrição das ciências médicas quanto à produção de fala desses sujeitos parece ocorrer, já que, pertencendo esses sujeitos a um diagnóstico que carrega características de dificuldade de memória e sequenciamento das palavras em uma frase, mesma sintomatologia pareceu não ocorrer com os sujeitos desta pesquisa. Em vez disso, os sujeitos mostraram-se mais aptos a amarrar que não amarrar os conflitos de sentidos constitutivos de todo processo enunciativo. Além disso, os sujeitos SP1, SP2 e SP3 apresentaram desempenho muito próximo a sujeitos não parkinsonianos

com a mesma idade, grau de escolaridade, procedência geográfica e profissão de sujeitos não parkinsonianos do estudo de Camillo (2011). Esse resultado comparativo foi demonstrado no trabalho dissertativo de Camillo (2011) em que os sujeitos não parkinsonianos apresentaram 93,7% de momentos hesitativos com controle da deriva, e os parkinsonianos (mesmos sujeitos da presente pesquisa) marcaram 90,97% de tipos de rupturas com o controle da deriva.

Nos momentos de não controle da deriva e, portanto, momentos em que a disputa de significados/significantes constitutiva do processo enunciativo-discursivo foi materializada hesitativamente na marcação de uma mudança ou interrupção semântica ao fluxo que vinha sendo tomado pelos sujeitos, os resultados apontaram diferenças mais significativas entre SP1 (4%), SP2 (18,5%) e SP3 (26%).

Contudo, essa diferença significativa entre sujeitos de mesma patologia, mas com idade, escolaridade e procedência geográfica distintas, pareceu novamente ocorrer pelas singularidades dos sujeitos e de sua relação quanto à significação da doença. Isto porque, como os sujeitos não responderam com alta frequência e em igualdade percentual os momentos de reformulação não materializada, momentos que esboçam as deficiências sintático-semântica da programação frontal, os déficits motores característicos da doença podem não ser causa exclusiva das “dificuldades” da manutenção tópica e discursiva caracterizadas por grande parte das ciências médicas.

Na análise qualitativa desses momentos em que ocorreram lacunas na materialidade linguística, marcadas pela reformulação não-materializada, Althusser (1979) novamente contribui afirmando que: “Esse invisível se furta então na qualidade de lapso, ausência, falta ou sintomas teóricos. Manifesta-se como o que ele é” (1979, p. 26). E, ainda, em sua reflexão acerca do invisível, para nós entendido como marca da heterogeneidade não mostrada constitutiva do sujeito, marcada como espaços vazios na materialidade linguística, o autor nos revela como identificar esse invisível, dizendo que

[...] para ver esse invisível, para ver esses equívocos, para identificar essas lacunas na densidade do discurso, esses espaços em branco na plenitude do texto impõe-se um olhar instruído, um olhar renovado, produzido por sua vez por uma *mudança de terreno* no ato do ver. (ALTHUSSER, 1979, p. 27)

Portanto, a partir dessa leitura, pensamos que essas lacunas ou sensação de vazio decorrentes do não controle da deriva na reformulação não materializada pode ser melhor compreendida quando nos posicionamos em outro *terreno*, ou seja, quando nos deslocamos do campo médico para um campo analítico-discursivo. Dessa maneira, os problemas de fala dos parkinsonianos podem ser transformados a partir de um olhar enunciativo-discursivo, em que suas manifestações hesitativas simbolizam a historicidade que os abarcam e suas diferentes relações com a doença, além dos outros que lhes são constitutivos visivelmente e invisivelmente na linguagem. A fim de exemplificar o quanto e o como toda essa subjetividade está presente e marcada linguisticamente nos momentos de reformulação não materializada, exporemos três exemplos:

(1) J. N. + o senhor tá tomando os mesmos remédios?

SP1: tô + eu normalmente tomo s/ eu te contei que tô tomando o prolopa agora?

- (2) SP2 ficar nervoso comigo + aí piora + às vezes eu vou sair com ele ele fala qualquer coisa eu falo + fica caladinho não deixa eu tremer não
 SP2 + às vezes eu falo assim + F/n:ão ((incoordenação)) gosto que eles ficam nervoso comigo não eu falou assim eu já faço muita coisa +
- (3) J. N. é isso + por isso que ele te receitou
 SP3 + e ele sempre ron/ conversava conversava e insistia comigo mas cê tá triste + seu/ como é que tá seu humor?

Os três exemplos anteriores, referentes aos momentos de ruptura da amarração dos significantes, em coocorrência com a dispersão, nos mostram o quanto o tema da doença se faz presente e latente. Notamos que em (1), SP1 vinha relatando sobre os medicamentos da DP, uma lacuna é deixada em seu discurso, ao pronunciar “eu normalmente tomo s/e”, na disputa de sentidos, a amarração dos significantes não foi completada linguisticamente e a reformulação não materializada também indicou uma reformulação de enunciados, já que outro foi construído a partir dessa ruptura.

Observamos que, em (2), SP2, sujeito que detectamos realizar a segunda maior frequência da reformulação não materializada, deixa explícito linguisticamente que a reação do esposo (Florêncio), quanto a sua lentidão dos movimentos, provoca-lhe alterações motoras e, na materialidade linguística, deixa uma lacuna ao pronunciar “F” sem dar uma sequência imediata a esse rompimento sintagmático, não nos deixando pistas do que ela costumava a falar (“+ às vezes eu falo assim + F/”).

SP3, representante do índice de maior frequência do funcionamento da reformulação não materializada, vinha discutindo com J. N. sobre a necessidade de estar tomando antidepressivo em razão da falta de dopamina ocasionada pela DP. Nesse instante, outro vazio linguístico e discursivo é encontrado na ruptura de “e ele sempre ron/” e, dessa maneira, a amarração dos sentidos foi quebrada no eixo da materialidade linguística.

Ainda no que confere ao objetivo (ii) de nossa pesquisa, foi realizada uma análise qualitativa acerca dos elementos dos enunciados e os indiciadores de rupturas nos momentos de ruptura da amarração dos significantes com o controle da deriva e seus quatro funcionamentos.

No funcionamento da reformulação antecipada, que atingiu a maior frequência em relação aos quatro funcionamentos de controle da deriva, observamos que os sujeitos parecem apresentar tendências próprias ao conter a deriva no rompimento de parte de um significante para colocar outro, talvez um significante mais apropriado, no fluxo discursivo. Observe os exemplos a seguir:

- (4) SP1 + não não é bonito parece que eu não tenho vontade entendeu? ++ parece que às vezes eu vo/ eu vou chega no di/ na hora de ir eu
- (5) SP2 .P. aí um dia eu até falei pra ele assim mas doutor Agnaldo mas isso não sara não? + ele falou sara + sara ele falou pra mim né + agora esse outro que eu/ que tirou o ex/ fez o exame f/fiz lá embaixo + eu até paguei cento e oitenta pra fazer porque ele não/não fazia/
- (6) SP3 + mas o que que ele provoca assim + o/ geralmente o anti-depressivo o que que faz?

Dessa forma, restrições cognitivas causadas por interrupções neurais do lobo frontal (como diminuição da atenção, dificuldade na compreensão de frases, perda da memória operacional e diminuição da velocidade de processamento de informação) parecem não

estar estabelecidas fortemente de forma generalizada para todos sujeitos portadores de DP, já que os sujeitos de nosso estudo mostraram-se capacitados a essas atividades, como o demonstra no funcionamento reformulação antecipada.

Além dessa constatação, tendências de linguagem de cada um dos sujeitos nesses momentos de reformulação não materializada também ocorreram, o que novamente corrobora para a não generalização dos sintomas de fala dos sujeitos parkinsonianos. Em SP1, a reformulação antecipada parece ocorrer para marcar uma especificidade, como ao invés da possível palavra dia em “di”, o sujeito rompesse o fluxo discursivo com um corte brusco, propondo em sequência a palavra hora. Já em SP2, esse mesmo funcionamento tende a ocorrer em todos os seus enunciados como em uma tentativa de formular enunciados mais rebuscados linguisticamente, sendo exemplificado em (5) como na correção de o médico tirar o exame por fazer o exame e, nesse sentido, o sujeito promove uma reformulação de enunciados. Por fim, em SP3, o controle da deriva na correção de um significante parcialmente enunciado ocorre, na grande maioria de seus episódios de fala, como uma atividade em que o sujeito procura por uma reelaboração estrutural mais específica ou pela inserção de um termo diferenciado que possa provocar uma resposta que realmente supra sua dúvida, como após o corte brusco enunciar geralmente: “+ o/ geralmente o antidepressivo o que que faz?”.

No funcionamento da reformulação de paralelismo explícito, os sujeitos SP1 e SP2 apresentaram valores percentuais de ocorrência mais aproximados, a saber, 12% e 9%, em relação ao sujeito SP3, com 1% de ocorrência para o funcionamento em questão. Dessa maneira, SP3, o sujeito com diagnóstico de Parkinson juvenil e com o maior grau de escolaridade, seus momentos de controle da deriva em que dois referentes ficaram expostos paralelamente no sintagma ocorreram com baixa frequência. Na exemplificação desses momentos, notamos que os sujeitos com maior tempo de doença e com grau de escolaridade menor, SP1 e SP2, podem precisar desse apoio de dois léxicos inteiramente enunciados para uma reconstrução dos sentidos; enquanto SP3, apoiando-se na enunciação de uma parte do significante, como na reformulação antecipada, é capaz de reconstruir ou reorientar os sentidos do sintagma. É importante salientar que SP3 apresentou, na reformulação antecipada, o segundo maior percentual de ocorrência, e o sujeito com o maior percentual foi SP1; portanto, o grau de escolaridade parece não ser um fator determinante para uma baixa realização do funcionamento de reformulação com paralelismo explícito, visto que SP1, ainda em condições mais debilitadoras de saúde, superou o índice do sujeito SP3 (pós-graduando). Contudo, como até então levantado, embora os sujeitos apresentem pequenas diferenças entre os percentuais dos funcionamentos hesitativos nas rupturas da amarração dos significantes, suas tendências e a forma como funcionam dentro do funcionamento são muito particulares e respeitam principalmente a forma como se relacionam e simbolizam a DP. Veja os exemplos a seguir:

- (7) SP1 mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse incômodo dá esse problema mesmo né
- (8) SP2 piora aí + eu falava pra ele sai de perto (deixasse) eu fazer a comida que eu ia/ vou fazer e fazia + aí eu pensava gente mas eu queria/ eu não queria ficar assim o que que eu faço meu Deus
- (9) SP3 ah mas cê tem problema na/na/na fala? + falei tenho

Nesses exemplos, podemos entrever que, nos enunciados dos três sujeitos parkinsonianos, há relações entre as marcas indiciadoras hesitativas e a emergência de elementos

que simbolizam o significado da doença. No enunciado de SP1, o paralelo entre dois sintagmas ocorre justamente entre duas expressões que parecem representar a doença para ele; já em SP2, a disposição das palavras em processo de correção diante de uma dificuldade motora adquirida pela doença; e, por fim, no fio discursivo do SP3, há o questionamento e a percepção das pessoas quanto as suas dificuldades de fala também em decorrência da doença.

Na análise da materialidade linguística, em SP1, a correção do significante problema pelo significante incômodo quanto ao que as pessoas dizem a respeito da sua doença marca na ruptura sintagmática a reformulação de uma palavra com significado mais negativo (*problema*) por uma palavra de significado mais leve e mais suportável (como *incômodo*). Dessa maneira, nesse paralelo da reformulação, o sujeito deixa explícito dois significantes em conflito pelo significado que carregam ao buscar elementos linguísticos que possam representar a DP.

Em SP 2, a correção com paralelismo explícito ocorre como na reconstrução de enunciados com as passagens do verbo “fazer” no presente e no pretérito, além de mostrar-se incomodada com a situação do marido acelerar seus movimentos e não respeitar seu tempo de execução motora. Portanto, é possível pensar que o sujeito não deixa de realizar as suas atividades, como em “ia fazer”, mesmo que lentamente e, na sequência enuncia “vou fazer e fazia”, como apta a fazer suas atividades domésticas apesar de suas limitações motoras.

No funcionamento de retomada, os sujeitos apresentaram baixo percentual, o que pode nos revelar que estão aproximados quanto ao controle da deriva na ruptura dos significantes que traz, após a hesitação, a retomada de um tópico anteriormente enunciado. No entanto, apesar dos sujeitos apresentarem-se estatisticamente aproximados, novamente pudemos identificar que tendências em como estabelecer o funcionamento de retomada somado ao referente à DP estiveram fortemente presentes na atividade enunciativa dos sujeitos. Como os sujeitos SP1 e SP2 apresentaram percentuais de, respectivamente, 0,5% e 0% para o funcionamento em questão, exporemos a seguir apenas um exemplo do sujeito SP3, que apresentou 4% de ocorrência desse tipo de controle da deriva.

(10) J. N. + mas também não sou de beber muito não por causa + o gás me incomoda (...)

SP3 + nossa é horrível + faz mal mesmo

J. N. + não gosto muito não

SP3 ++ agora eu fico pensando eu tomo ou não tomo esse anti-depressivo hein? + não sei eu tô com esse negócio na cabeça aí

Neste exemplo, SP3 e sua interlocutora vinham discutindo a respeito de tomar líquidos como refrigerante e cerveja e, nesse momento, distante da discussão de tomar antidepressivo, tópico discursivo inicial do diálogo, encontramos uma pausa hesitativa e, imediatamente, o sujeito retoma o que significativamente estava mais latente no jogo discursivo do significante “tomar”. Portanto, o significante “tomar refrigerante/cerveja” retomou o significante “tomar” quanto a significar tomar remédio antidepressivo. Mais uma vez, os processos envolvidos nos funcionamentos de ruptura dos significantes demonstram que o tema DP parece participar fortemente e incansavelmente na atividade enunciativa dos sujeitos em questão.

Quanto ao último funcionamento de controle da deriva, o funcionamento de contextualização, constatamos que os sujeitos SP1 (5%) e SP3 (4%) apresentaram-se mais aproximados em relação a SP2 (15%), sendo que, motoramente, o SP2 apresenta-se muito semelhante ao SP1 e fortemente distante dos sintomas discinésicos do SP3. Dessa maneira, esses últimos dados comparativos, também puderam reafirmar nossa ideia de que características motoras parecem não ser a causa exclusiva nas manifestações de fala dos sujeitos e que fatores sócio-histórico-culturais promovem, em cada sujeito, diferenciações na maneira como rompem a amarração dos significantes. Assim, na análise dos sujeitos e da sua atividade discursiva de linguagem, vimos que mesmo para os sujeitos SP1 e SP3 com diferenças significativas do quadro motor em decorrência da D.P., ocorreu a proximidade quantitativa no funcionamento linguístico em questão, enquanto que o sujeito SP2, com características motoras mais próximas a SP1, apresentou disparidade relevante (3 vezes maior) nos dados referentes ao funcionamento linguístico contextualização.

- (11) SP1 é:: + uma firma que (tem:) () + mexe com hotel +++ parece que é aqui em Uberlândia s/J/s/ Juiz de Fora + Belo Horizonte
- (12) SP2 se eu almoçasse + qualquer coisinha que comia dava um gás + depois que eu tô fazendo essa ginástica + eu já posso/ + às vezes comer assim posso comer assim qualquer uma coisa na volta outro dia eu não tava podendo + eu falei/ e o homem falou assim + que ele quando estudou ouviu falar isso mesmo + e nunca assim/ ninguém tinha falado pra ele +
- (13) SP3 a hora que precisa + movimentar mais rápido e acelerar + só que ele tá acelerando demais né + aí eu tava lendo: a: + acho que foi a bula do remédio mesmo que eu li + é chamado efeito: liga e desliga né + sinal de que já tá sendo assim uma overdose vamos dizer assim pro organismo

Na análise de toda a transcrição das entrevistas é possível hipotetizar que SP3 mostra-se mais preocupado com temas que parecem desconhecidos para sua interlocutora e, dessa forma, procura contextualizar e trazer informações mais explicativas se comparado aos sujeitos SP1 e SP2. Assim, o sujeito mais idoso e com maior tempo de doença (SP3) apresenta o funcionamento de controle da deriva marcado por contextualizações em maior grau percentual que sujeitos de menor tempo de doença ou até mesmo de maior grau de escolaridade. Contudo, esse distanciamento discursivo existente entre SP3 e os outros dois sujeitos parkinsonianos parece ocorrer por características mais interligadas ao seu perfil sócio-histórico-cultural do que a possíveis manifestações motoras da doença, já que SP3 seria o candidato a ter maiores prejuízos nas manifestações da linguagem.

Por fim, após a investigação do objetivo (ii), passamos para a investigação do objetivo específico (iii), em que nos propomos analisar em que medida as limitações de natureza cognitiva ou motora impostas pela DP interferem numa possível diferença quantitativa e qualitativa nos momentos de ruptura da amarração dos significantes.

Como em toda a análise quantitativa e qualitativa até então realizada, podemos responder a esse último objetivo na hipótese de que as limitações motoras da doença podem não marcar diferenças significativas nos momentos de ruptura da amarração dos significantes entre os sujeitos de mesma patologia. Até porque, mesmo estando os sujeitos aproximados quantitativamente nas ocorrências dos momentos de controle e não controle da deriva, os mesmos mostraram-se distantes na maneira como hesitaram tanto motoramente quanto discursivamente para esses mesmos momentos. Portanto, constatamos que globalmente no referente a controle e não controle dos sentidos, SP1, SP2 e SP3 permaneceram similares, mas na subdivisão das formas possíveis em como controlar e não

controlar os conflitos sintático-semânticos, os mesmos permaneceram distantes e com tendências próprias na amarração dos significantes.

Quanto a essas subdivisões, ou seja, entre os quatro funcionamentos de controle da deriva, os sujeitos de nossa pesquisa apresentaram como maior e menor frequência os mesmos tipos de funcionamento, a lembrar, a reformulação antecipada como de maior percentual e, como de menor funcionamento, a retomada.

Contudo, ao olharmos esses dados aproximados estatisticamente entre os sujeitos, considerando fatores sócio-histórico-sociais de cada um, encontramos, como já relatado, marcadores linguísticos em momentos de conflito e turbulência na escolha/exclusão lexical ocorrendo de forma diferente nas rupturas da amarração dos significantes nos enunciados de cada um dos sujeitos. Essas instâncias nos trouxeram indícios reveladores que nos permitiram entrever algumas das possíveis relações de significação da DP e, portanto, relações subjetivas atuando mais fortemente que os déficits motores nas rupturas das amarrações dos significantes.

Ainda na investigação do objetivo (iii), o funcionamento de controle da deriva retomada pode representar-se, entre os outros funcionamentos do mesmo grupo, como marcas hesitativas na atividade enunciativo-discursiva dos sujeitos com maior ligação a aspectos motores da doença, visto que a percentualidade de ocorrência foi baixa para todos os sujeitos. Para tanto, nos parece que déficits do lobo frontal referente a programação e sequenciamento de fala podem ser evidenciadas nos momentos em que o sujeito, na amarração dos significantes, realiza uma retomada de um tópico anteriormente discutido.

Na hipótese de que esses processos hesitativos seriam provas reveladoras das dificuldades de fala caracterizadas pelas ciências médicas, essa formulação não teria validade para nosso estudo. Isto porque, mesmo que as rupturas na amarração dos significantes tenham sido numericamente significativas, esses processos estariam ligados com o controle da deriva e, portanto, com reformulações que condizem com uma atividade cerebral em bom funcionamento. Além disso, no estudo de Camillo (2011), sujeitos controles comparativos e, portanto, não parkinsonianos, apresentaram percentual muito próximo nos momentos de controle como de não controle ao percentual de SP1, SP2 e SP3 e, ainda, para somar, apresentando o funcionamento de reformulação antecipada como de maior ocorrência para ambos os grupos.

Nossa ideia é a de que justamente essa alta estatística de marcas linguísticas hesitativas seja o que tenha chamado a atenção de pesquisadores do campo biomédico. Assim, o que de fato a literatura desse campo observa é uma mudança no tipo de marca de hesitação (confundida, nessa literatura, com o próprio fenômeno discursivo da hesitação). Não nos parece, pois, que é a complexidade mesma do fenômeno da hesitação que é investigada nessa literatura, mas, mais particularmente, o modo como esse fenômeno é marcado estruturalmente no evento **físico** da produção do discurso.

Contudo, pensamos que nosso trabalho, ainda que em fase inicial, pode contribuir com os trabalhos reabilitadores de fala de sujeitos parkinsonianos, já que a partir do modo como são estabelecidas suas relações com os outros discursivos – principalmente, como visto neste estudo, os outros que indiciam pontos da deriva e ancoragem do dizer no referente a DP podem levar a alterações significativas nos momentos dos conflitos sintático-semântico. Para tanto, além de exercícios reabilitadores da produção de fala

em consonância com as dificuldades motoras, seria importante trabalhar as relações mais subjetivas acerca do que a DP pode simbolizar para o sujeito que então passou a ter uma nova condição de saúde e de vida.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. De O Capital à filosofia de Marx. In: ALTHUSSER, Louis et al. *Ler O Capital*. v. I. Tradução bras. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CAMILLO, Maira. *Hesitações em deslizamentos do dizer de sujeitos parkinsonianos e não-parkinsonianos: um estudo comparativo*. 2011. 256 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2011.

CHACON, Lourenço; SCHULZ, Geralyn. Duração de pausas em conversas espontâneas de Parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 39, p. 51-71, 2000.

FENTON, Elaine; SCHLEY, W. Shain; NIIMI, Seiji. Vocal Symptoms in Parkinson Disease Treated With Levodopa: a case report. *An. otol.*, New York, v. 1, p. 119-121, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A hesitação. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1999. p. 159-194.

_____. Fenômenos Intrínsecos da Oralidade: a hesitação. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. (Org.) *Gramática do português falado*. 2004.

NASCIMENTO, Julyana Chaves. *Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson*. 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 2008.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/Fapesp, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

STARKSTEIN, S. E.; MERELLO, M. A prospective longitudinal study of depression. Cognitive decline and physical impairments in patients with Parkinson's disease. *J. Neurol. Neurosurg. Psychiatry*, 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e autoria: uma proposta para contornar a dicotomia oral e escrita. *Revista da ANPOLL*, Campinas, n. 18, p. 127-141, 2005.

_____. *Múltiplas faces da autoria: análise do discurso, psicanálise, literatura, modernidade e enunciação*. 1. ed. Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2008a.

_____. Mensagem e poesia. A atualidade de Saussure e Jakobson, ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In: GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucília M. Sousa (Org.). *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na ciência da informação*. São Carlos: EDUFSCAR, 2008b.

WITT, Melodi. *Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos*. Relatório Fapesp, Processo 02/09715-8, 2003.

ZANIBONI, LÍlian Fátima. *Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson*. 2002, 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.